

PORtugal na Alemanha da Aufklärung

— O estigma do sebastianismo messiânico*

155

ANA MARIA PINHÃO RAMALHEIRA
(Univ. de Aveiro)

O terramoto de 1755 fez recair a atenção da Europa sobre Portugal¹. A repentina destruição de metade de Lisboa e de boa parte do Sul do país, a morte de vários milhares de pessoas sob os escombros e na sequência do incêndio que se seguiu, as rigorosas medidas de urgência adoptadas pelo marquês de Pombal tendentes à restauração da ordem, à remoção dos mortos e à reconstrução da cidade foram temas que galvanizaram a imprensa europeia. A política reformadora e a intensa actividade diplomática desenvolvidas por Sebastião José de Carvalho e Melo granjearam bastantes simpatias não só na Alemanha, mas um pouco por toda a Europa de Setecentos². A expulsão dos Jesuítas e as providências tomadas no sentido de controlar a nobreza e de disciplinar a Inquisição, transformada num tribunal ao serviço do Estado, eram medidas internacionalmente vistas como uma abertura do país ao progresso. Aos olhos do público letrado germânico, a pragmática política reformadora do famoso primeiro-ministro de D. José indicava, por um lado, uma emancipação definitiva do reino em relação ao poder espanhol e, por outro, uma libertação do fanatismo religioso em que o país se encontrava mergulhado, o qual era visto, nos meios protestantes alemães, como efeito nefasto de uma excessiva dependência em relação à Igreja de Roma.

A imagem de Portugal difundida pelos viajantes que então o visitavam não era de modo algum lisonjeira. O estado de degradação e o obscurantismo religiosos, agravados com o terramoto, contribuíram para a deterioração da imagem do país no estrangeiro, imagem essa que, pelo menos até meados do século, estava associada ao emprenhamento militar português contra a formação da “Monarquia Universal” e a uma certa

* A presente comunicação insere-se no projecto de investigação «Relações Literárias e Culturais Luso-Alemãs. Estudos de Recepção e de Hermenéutica Intercultural» do Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos (CIEG), Unidade de I&D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Programa Operacional Ciência, Tecnologia e Inovação (POCTI), do Quadro Comunitário de Apoio III. Vd. uma abordagem mais circunstanciada da matéria tratada nesta comunicação em Ramalheira: pp. 599-623.

¹ Sobre a repercussão do terramoto na Alemanha, vd., entre outros, Weinrich: pp. 64-76; Günter: pp. 191-200; e Breidert (Hrsg.).

² Sobre a repercussão europeia da expulsão dos Jesuítas, Oliveira Marques refere: «As medidas de Pombal e a intensa actividade diplomática por ele dirigida exerceram um profundo impacte por toda a Europa, levando a sucessivas expulsões de Jesuítas de França, Espanha e Nápoles, e finalmente à própria bula de extinção da Companhia.» (Oliveira Marques: 1984, vol. II, p. 355).

prosperidade económica. Até meados do século, Portugal era incluído, em praticamente todas as obras alemãs de Estadística (*Statistik*), no rol dos Estados “mais distintos” da Europa (cf. Ramalheira: p. 381 ss.).

Na segunda metade do século XVIII, assistiu-se a um considerável incremento da chamada *Bildungsreise*. A Península Ibérica, então relativamente pouco conhecida *in loco*, excitava a curiosidade dos viajantes europeus. O interesse generalizado pelo “outro”, por outros países e por outras culturas, era sintónico com o espírito da Época das Luzes, assente nas ideias da experiência emancipadora e da universalidade do homem. Este contexto terá estimulado a procura e proliferação da literatura de viagens no mercado livreiro europeu. A publicação na Alemanha de diversos relatos de viagens sobre Portugal, na sua esmagadora maioria elaborados por viajantes franceses e ingleses, contribuiu para a fixação de determinadas imagens-*cliché* sobre o longínquo reino situado no extremo ocidental da Europa. Muito embora grande parte do público letrado alemão acedesse a esse género de literatura nas línguas originais (o francês era então, como se sabe, uma espécie de língua franca nos círculos culturais), muitas dessas obras foram igualmente vertidas para a língua alemã. Era, na verdade, considerável a quantidade de relatos de viagens a Portugal de que o público leitor alemão dispunha na segunda metade do século XVIII³.

Os europeus menos simpatizantes com a política do Marquês de Pombal eram obviamente os ingleses, pouco dispostos a abrir mão da privilegiada situação económica e militar de que então gozavam em Portugal. É sobejamente conhecida a atitude crítica de Sebastião José de Carvalho e Melo em relação às vantagens usufruídas pelos britânicos em Lisboa e no Porto, vantagens essas que não existiam numa relação de reciprocidade para os portugueses na Grã-Bretanha. Portugal encontrava-se então, na verdade, numa situação de dependência da Inglaterra no âmbito do apoio político e militar, dependência esta que, de algum modo, enfraquecia o poder negocial do país nas trocas comerciais. Só neste contexto se pode compreender a conhecida afirmação do Ministro dos Negócios Estrangeiros francês, Choiseul, em 1765: «Portugal tem de ser visto como uma colónia inglesa» (*apud* Maxwell: p. 38).

Na literatura de viagens disponível na Alemanha de Setecentos, encontram-se referências a D. Sebastião e, principalmente, ao mito sebastianista, abordado então pela primeira vez em terras de além-Reno na sua dimensão profética e messiânica.

A distinção entre “sebastianismo messiânico” e “sebastianismo cívico” – pertinente avançada por Adriano Moreira, numa conferência em Manaus, para defender a tese do “sebastianismo cívico” *avant la lettre* de Camões (*apud* Andrade: p. 4) – ajuda a clarificar a recepção alemã da história e do mito em torno da figura de D. Sebastião na *Aufklärung*. O “sebastianismo messiânico”, a vertente profética do mito, propalada por seitas que perduraram principalmente até ao século XIX e que vinha (e, em certa medida, continua a vir) amiúde à tona em fases de decadência, como sintoma da ânsia de regenerar o passado glorioso da nação, difere do “sebastianismo cívico”, a vertente que não contempla a dimensão transcendente, profética, utópica do mito. O “sebastianismo cívico” foi fonte de inspiração para os que não se conformaram com o domínio dos Filipes e manifestou-se nos episódios dos falsos D. Sebastião, indícios da resistência patriótica ao jugo filipino que culminou na Revolução de 1640. Se o “sebastianismo cívico” foi reiteradamente explorado pelos historiógrafos alemães de Setecentos, de forma tendencialmente euforizante, como sintoma do patriotismo dos portugueses e da sua aversão ao domínio castelhano (vd. Ramalheira: p. 396 ss.), o mesmo não se verificou em relação ao “sebastianismo messiânico”.

³ Vd. Fielding; Baretti; Twiss; Dalrymple; [Stephens]; Murphy; [Carrère]; [Dumouriez]: 1776; Dumouriez: 1797b.

A literatura de viagens, que, pela sua especificidade de confrontação constante com a alteridade a vários níveis constituía (e constitui) um meio de *transfer cultural* privilegiado, interpretou o sebastianismo messiânico como mito consubstanciador da psicologia do povo português. A maioria dos viajantes europeus de Setecentos ridicularizou a crença no regresso do rei-salvador, na ânsia de restaurar a antiga glória do Império e na esperança de regeneração nacional. O sebastianismo messiânico foi reiteradamente interpretado pelos visitantes estrangeiros como motivo da indolência do povo português, do atraso e do obscurantismo em que o país se encontrava mergulhado. Na verdade, esta imagem “sebastianizada” dos portugueses terá ficado muito a dever a uma frase de Lord Tirawley, embaixador inglês na corte de D. João V, frase essa que viria a conhecer uma assinalável fortuna internacional: «O que se há de pensar de um povo, a metade do qual está à espera do Messias e a outra metade de um rei chamado Sebastião que morreu há duzentos anos.» (*apud* Bruno: p. 11)⁴.

A mordaz observação sobre a índole dos portugueses depressa se tornou numa espécie de frase-*cliché* que ecoou nos relatos de viagens do último quartel do século XVIII⁵. Johann Andreas von Junk (?- 1789), que estivera em Portugal, em 1762, na qualidade de oficial do conde de Schaumburg-Lippe⁶, famoso reorganizador do exército português e mentor da vitória da que ficou conhecida por “guerra fantástica”⁷, elaborou uma *Gramática Portuguesa*, com a qual visava fundamentalmente facilitar a aprendizagem do português aos oficiais alemães e suíços que tivessem de permanecer em Portugal em missões militares. Os destinatários de von Junk, como ele próprio faz questão de sublinhar, eram, além daqueles, apenas industriais e comerciantes alemães e não pessoas propriamente eruditas (Cf. [J. A. von Junk]: 1779, pp. 5-6). Com efeito, num apêndice que anexou à sua *Portugiesische Grammatik*, intitulado *Einige Nachrichten von der portugiesischen Litteratur, und von Büchern, die über Portugall geschrieben sind* [Algumas notícias acerca da literatura portuguesa e de livros sobre Portugal] (1778 e 1779), von Junk fez-se eco do referido dito sarcástico de Lord Tirawley nos seguintes termos:

«Er [Mylord Tirawley] entfernte sich von Lissabon, unter dem Vorwand seine Gesundheit in Cintra wieder herzustellen, die vielleicht wirklich durch Aerger [er überwarf sich mit dem Minister, und sagte ihm die härtesten Sachen] gelitten haben mochte, und reiste nach England in eben der Zeit zurück, als die englischen Truppen anlandeten, deren Absendung, wenn es bei ihm gestanden, er gern verhindert hätte, weil seiner Meinung nach mit der portugiesischen Nation, wovon die eine Hälfte den Messias, die andre den König Sebastian erwartete, überhaupt nicht viel, so wie sie aber damals beschaffen, gar nichts anzufangen wäre.» ([von Junk]: 1779, pp. 5-6).

[Ele [Mylord Tirawley] afastou-se de Lisboa sob o pretexto de recuperar a sua saúde em Sintra, que talvez tivesse de facto piorado, devido à irritação sofrida [pois zangara-se com o ministro e dissera-lhe as coisas mais duras de ouvir], e regressou a Inglaterra pouco tempo antes de desembarcarem as tropas inglesas, cujo envio, se tivesse estado nas suas mãos, ele teria de bom grado impedido,

⁴ Em Portugal, esta frase foi divulgada em 1730 por Tomás Pinto Brandão, num “romance-sátira” aos sebastianistas intitulado *Declarados Encubertos*.

⁵ A título de exemplo, veja-se como o autor romântico irlandês T. M. Hughes deixa transparecer nitidamente a mencionada opinião de Lord Tirawley sobre os portugueses, embora dela se distancie por considerá-la um tanto exagerada: T. M. Hughes, *Das enthüllte Portugal nebst Blicken auf die gegenwärtigen Zustände Spaniens*, Grimma, 1848, 2. Bd., p. 239, *apud* Opitz: p. 113, nota 17.

⁶ Sobre a vida e obra de J. A. von Junk, vd. *Deutsches Biographisches Archiv*, I, 615: pp. 431-434.

⁷ Sobre a estada em Portugal do conde de Schaumburg-Lippe, vd. Ehrhardt: p. 28 e Oliveira Marques: 1993, pp. 177-179.

pois, de acordo com a sua opinião, em relação à nação portuguesa, metade da qual estava à espera do Messias e a outra metade do rei D. Sebastião, não era de ter muitas, ou mesmo absolutamente nenhumas, expectativas, tal era a situação em que ela então se encontrava.]

A tendência para a “sebastianização” da imagem dos portugueses é igualmente reiterada num outro passo do mesmo apêndice, em que von Junk sublinha a preferência dada pela Historiografia lusitana à figura histórica de D. Sebastião nos seguintes termos:

“Verhältnismäßig nimmt die Geschichte des Königs Sebastian, unter den historischen Schriften, den größten Platz ein. Die Anhänglichkeit an diesen König muß zu dessen Zeit über alle Begriffe, die man sich davon machen kann, gegangen sein: da noch jetzt, nach 200 Jahren, der Schwindel nicht gänzlich aufgehört hat; und bis diese Stunde giebt es in Portugall eine Secte, die man die Sebastianisten nennt, welche steif und fest glauben, der König Sebastian sei nicht gestorben, sondern von Gott verurtheilt, eine gewisse Zeit, unbekannt seine Sünden abzubüßen, wenn diese aber verflossen, werde er wunderbar wieder in sein Land eingeführt werden, und dasselbe auf den vorigen Gipfel des Ruhms und der Macht bringen.” (J. A. von Junk]: 1779, pp. 46-47).

[Comparativamente, a História do rei D. Sebastião ocupa, entre os escritos históricos, o lugar mais destacado. A afeição a este rei deve ter excedido na época tudo o que se podia imaginar, pois, ainda agora, decorridos 200 anos, o embuste não se extinguiu inteiramente. Até este momento, existe em Portugal uma seita, apelidada de Sebastianistas, que acredita piamente que o rei D. Sebastião não terá morrido, mas terá sido sentenciado por Deus a expiar incógnito os seus pecados durante um certo tempo, decorrido o qual será milagrosamente trazido de novo ao seu país, elevando-o ao cume da antiga glória e poder.]

O mencionado apêndice de von Junk inclui ainda outras impressões recolhidas aquando da sua estadia em Portugal, bem como notícias sobre a literatura portuguesa e ainda um resumo dos dez Cantos de *Os Lusiadas*, onde refere, laconicamente, que o Poema fora dedicado por Camões ao rei D. Sebastião. No contexto da obra de von Junk, a figura histórica propriamente dita de D. Sebastião adquire assim uma imagem com contornos tendencialmente euforizantes: é o rei sobre o qual mais recaía a atenção da Historiografia nacional, o rei amado pelos seus súbditos, que continuavam à sua espera para restaurar o glorioso passado lusitano, o rei a quem o grande Camões dedica *Os Lusiadas*, o rei que simbolizaria, no fim e ao cabo, a identidade nacional portuguesa. Já o sebastianismo messiânico, consubstanciado na seita que acreditava no regresso de um monarca morto há duzentos anos, parece, de facto, ter-se propagado como um vírus estigmatizante e destruidor da imagem dos portugueses além-fronteiras, veiculando a ideia de um povo preso ao seu ilustre passado heróico que, em vez de reagir de forma produtiva à situação de decadência em que se encontrava, preferia entregar-se indolentemente a credices paralisadoras.

A *boutade* de Lord Tirawley contagiou também o general francês Charles François Dumouriez⁸, que dela se faz eco na sua obra, entre nós assaz conhecida, *État présent du Royaume de Portugal, en l'année de 1766*, obra essa escrita na sequência de uma estadia do autor em Portugal de cerca de um ano e publicada pela primeira vez, anonimamente.

⁸ Sobre a vida e a polémica personalidade do general Dumouriez, vd. Welschinger: pp. 54-56. Em 1795, veio a lume uma versão alemã da autobiografia do oficial francês (Dumouriez: 1795). Em particular sobre a sua curta estadia em Portugal, vd. *ibidem*, p. 101 ss. O respectivo original francês intitula-se *Mémoires du Général Dumouriez* (Dumouriez: 1794).

mamente, em Lausanne ([Dumouriez]: 1775⁹). Objecto de uma segunda edição, corrigida e bastante aumentada, o *État présent du Royaume de Portugal...* voltou a ser dado à estampa vinte dois anos depois em Hamburgo, com o mesmo título (Dumouriez: 1797a¹⁰). Ambos os originais franceses, o de 1775 e o de 1797, foram vertidos para a língua alemã e publicados, respectivamente, em 1776, em Berna, e em 1797, em Lípsia, muito pouco tempo, portanto, após as respectivas edições francesas. A edição suíça, vinda a lume sem indicação de autor nem de tradutor, dá pelo título *Die wirkliche Verfassung des Königreichs Portugall im Jahr tausend siebenhundert sechs und sechzig* [A real situação do Reino de Portugal no ano de mil setecentos e sessenta e seis] (Dumouriez: 1776¹¹). A tradução alemã, dada à estampa com o título *Historisch-Statistisches Gemälde von Portugal* [Quadro histórico-estadístico de Portugal] (Dumouriez: 1797b¹²) e já com a indicação do autor (tal como consta do respectivo original francês), é assinada por Bernhard Reith (ou Reid, 1762-1825), professor particular no ducado de Oldenburgo e, posteriormente, docente de História e de Estadística na Universidade ucraniana de Charkow¹³.

Dumouriez alude à referida frase-*cliché* de Lord Tirawley, na sequência do relato de um episódio que envolveu a figura de Sebastião José Carvalho e Melo. A propósito da crença do povo no regresso do rei D. Sebastião, a quem apelida de Messias dos portugueses, o general francês narra um conhecido incidente político que culminou na prisão do conde de Óbidos, aludido como um dos senhores mais poderosos de Portugal. Leia-se o trecho correspondente do original francês (este passo em particular não difere nas duas edições), seguido das respectivas versões suíça e alemã:

«[...] il y a une tradition populaire sur le Roi Don Sébastien, que les Portugais croient, on disent n'être pas mort, & qu'ils prétendent devoir revenir par mer à Lisbonne pour reprendre sa couronne (c'est leur Messie). Un jour que la Reine étoit à la fenêtre avec sa cour, il s'éleva sur la mer un trombe d'eau considérable, la Reine dit en riant que c'étoit le Roi Don Sébastien qui revenoit; le Comte d'Obidos lui répondit, cela ne se peut, Madame, Don Sébastien est ici, c'est lui qui règne: deux heures après cette plaisanterie le Comte fut arrêté, & mis au fond d'un cachot de la tour de St. Julien, où il est pour le reste de la vie du Comte d'Oeyras. Telle est la cruelle sérénité de ce Ministre, sur qui tomboit la plaisanterie, parce qu'il se nomme Sébastien Carvalho. Cette aventure me rappelle un mot de Milord Tirawley, qui disoit, que peut-on faire d'une nation dont une moitié attend le Messie, & l'autre attend le Roi Don Sébastien, mort depuis deux-cents ans.» (État 1: pp. 236-237; État 2: p. 224)¹⁴.

⁹ Esta obra será indicada abreviadamente por «État 1». Luís de Montalvor promovera uma coleção de obras de viajantes estrangeiros sobre Portugal, muitas das quais, estando já prontas para publicação, se terão perdido com o desmantelamento da Editora Ática, em 1947. Entre elas contava-se *État présent du Royaume de Portugal*, cuja tradução, prefácio e notas eram da autoria de Álvaro Salema. Além desta, ter-se-ão perdido também *Voyage du ci-devant duc du Châtelet en Portugal*, na tradução, prefácio e notas de Álvaro Dória, e *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und vorzüglich Portugal*, de Heinrich Friedrich Link, igualmente com tradução, prefácio e notas de Álvaro Dória. Apud Chaves: p. 24.

¹⁰ Esta obra passará a ser indicada de forma abreviada por «État 2».

¹¹ Daqui em diante, esta obra será indicada por «Bern».

¹² Esta versão alemã passará a ser referida abreviadamente por «Leipzig». Sobre o episódio em torno da crença no regresso de D. Sebastião, vd. *ibidem*, pp. 300-303. Manuel Bernardes Branco refere uma publicação desta obra em Londres, em 1807, a partir de uma tradução alemã de J. F. Aug. Hagner. Cf. Branco: vol. I, p. 327. As únicas versões em língua alemã que, porém, logrei encontrar foram as supracitadas.

¹³ Sobre a vida e obra de Bernhard Reith, vd. *Deutsches Biographisches Archiv*, I, 1012: pp. 227-228.

¹⁴ Este episódio é também repetido por Carl Israel Ruders – pastor protestante sueco, que esteve em Portugal em 1798, a fim de ocupar a capelania da Legação sueca em Lisboa –, numa coleção de cartas, compiladas em três volumes, após o seu regresso à Suécia, e publicadas a partir de 1805. Ruders, a propósito da «seita» dos sebastianistas, narra o supramencionado incidente com o conde Óbidos, qualificando-o como «um dito que anda nas histórias populares referentes ao Marquês de Pombal, e que fez a desgraça dum dos maiores senhores destes reinos.». Ruders: pp. 178-179.

«Es ist unter dem portugiesischen Volk eine alte Sage, daß der König Sebastian nicht gestorben seye, und daß er zur See wieder in sein Reich kommen, und sich auf den Thron setzen werde. Einmal da die Königin mit ihrem Hof an dem Fenster stund, erhab sich ein starker Wirbelwind auf der See, die Königin lachte und sagte: "der König Don Sebastian kommt zurück!" Der Graf von Obidos antwortet, "es ist unmöglich, Don Sebastian ist hier, und regiert," zwei Stunden nach dieser Rede wurde er eingezogen, in ein finsternes Gefängniß, in dem Thurm St. Julien, geworfen, wo er, so lang der Minister lebt, bleiben muß. Der Minister heißt Sebastian Carvalho, und aus dieser Ursache wollte er einen auf ihn zielen Scherz mit der grausamsten Strenge rächen. Dieser Vorfall erinnert mich an einen beissenden Einfall des Milord Tirawley, welcher sagt: "was kan man mit einer Nation ausrichten, davon die eine Hälften den Meßias, und die andere den König Don Sebastian, der vor 200 Jahren gestorben ist, erwartet." (Bern: p. 249).

«Es herrscht unter den Portugiesen der Volksglaube, daß der König Sebastian nicht gestorben sey; sie behaupten, daß er über Meer nach Lissabon zurückkommen werde, um sich seine Krone wieder aufzusetzen. (Dieser König ist so zu sagen ihr Messias). Eines Tages als die Königin mit ihrem Hofstaate am Fenster lag, erhab sich über das Meer eine ziemlich große Wasserhose. Die Königin sagte lachend, daß es der König Sebastian sey, welcher zurückkomme. Der Graf von Obidos erwiderte scherzend: es ist nicht möglich, Madam: denn Don Sebastian ist hier; er regiert. Zwey Stunden nachher wurde der Graf verhaftet, und in ein finsternes Loch in dem Thurme von St. Juliao eingesperrt, aus welchem er während der Lebzeit des Grafen von Oeyras keine Erlösung zu hoffen hat. So grausam bestrafte dieser Minister einen Scherz, weil er Sebastian Carvalho hieß. Dieser Vorfall erinnert mich an das Bonmot des Mylords Tirawley. Was ist aus einer Nation zu machen, sagte er, wovon ein Theil den Messias, und der andere den seit zweyhundert Jahren verstorbenen König Don Sebastian erwartet? (Leipzig: pp. 300-301).

O contexto em que Dumouriez inscreve a célebre frase do embaixador prende-se com uma dupla intenção crítica: a de ridicularizar a retrógrada crença popular no regresso de D. Sebastião e a de demonstrar o despotismo com que o Marquês de Pombal (também ele de nome Sebastião) exercia o poder. Curiosamente, na segunda edição francesa, vinda a lume em Hamburgo, Dumouriez, assumindo finalmente a autoria da obra, dá conta, no respectivo prefácio, dos protestos que contra ela haviam sido dirigidos pelos embaixadores de Espanha e de Portugal. Acabando por reconhecer que o livro continha algumas imprecisões – o que atribui à sua juventude e ao pouco tempo que estivera no país –, Dumouriez teria resolvido revê-lo, movido pela circunstância de ter encontrado, passados tantos anos, uma pasta, que julgava perdida, com apontamentos diversos que recolhera sobre Portugal.

O oficial francês procedeu assim à revisão de alguns passos da sua obra, para o que afirma ter consultado outros livros sobre Portugal entretanto vindos a lume, os quais, porém, acaba por não indicar. Mantendo o essencial da primeira edição, Dumouriez afirma que optara por acrescentar separadamente, e entre aspas, todas as observações e críticas que entretanto lhe haviam sido feitas por "outros", para que os erros por ele cometidos vinte e dois anos antes sobressaíssem com mais nitidez e para que não o viessem a acusar de plagiador (Cf. Leipzig: p. III ss.). Na verdade, o general francês alude, no prefácio, às observações críticas que, a seu pedido, lhe teriam sido

enviadas por um português, que reputa de bem informado, o qual, todavia, se abstém de nomear (Cf. Leipzig: p. XXVII). Com efeito, apensas ao trecho supracitado do episódio que culminou na prisão do conde de Óbidos, a edição de Hamburgo acrescenta duas achegas críticas: uma do referido português bem informado, graficamente indicada com aspas, e outra redigida pelo próprio Dumouriez, inserida entre parênteses. Foi precisamente a nota final do oficial francês relativa à frase de Lord Tirawley que mereceu um comentário crítico do português não identificado. Confronte-se o original com a respectiva tradução alemã de Bernhard Reith, que segue aliás muito de perto o trecho de partida:

“Personne en Portugal ne croit au retour du Roy Don Sebastian et si dans des tems malheureux, sous les Philipps, quelques Portuguais aimait à se flatter de cette chimère, comme d'une esperance qui les consolait de leur esclavage, bientôt après la dénomination de *Sebastianistas* ne fut donnée qu'en dérision aux vieillards qui avaient des idées rouillées, et s'habillaient singulièrement. Le fait est que dans la triste journée d'Alcazarquivir la déroute fut telle qu'on ne sut rien de positif si non que le Roy était resté à pied entouré d'ennemis. Le seul poète Bernardès que était présent à cette bataille, et resta prisonnier, dit dans une de ses élegies qu'il vit le Roy tomber mort. L'incertitude où l'on fut sur son sort fit qu'on crut qu'il s'était sauvé. Il est vrai que celui qui parut ensuite à Venise lui ressemblait parfaitement, fut reconnu par plusieurs Portuguais, leur communiqua et donna intelligence de plusieurs affaires secrètes, et soit imposteur, soit vrai D. Sébastien, fut livré aux Espagnols, on n'en entendit plus parler. Ainsi le prétendu bon mot de Lord Tirawley est comme la plus part des bons mots, plus remarquable par sa fausseté que par sa mechanceté: mais en général l'homme aime la satire, et en rit quand ce n'est pas à ses dépens.” (État 2: pp. 224-225).

“In Portugall glaubt kein Mensch an die Rückkehr des Königs Sebastian. Wenn auch in unglücklichen Zeiten, unter den Philippen, einige Portugiesen sich mit dieser Hoffnung schmeichelten, um sich in ihrer Sklaverey zu trösten, so wurde doch bald nachher der Name *Sebastianistas* aus Spott den Alten beygelegt, welche an lächerlichen Vorurtheilen hiengen, und sich sonderbar kleideten. Die Niederlage in der Schlacht von Alcazarquivir war so allgemein, daß man nichts bestimmt anzugeben wußte, als daß der König zu Fuße von Feinden umringen worden. Der einzige Bernardes, ein Dichter, welcher sich in dieser Schlacht befand, und zum Gefangenengemacht wurde, sagt in einer seiner Elegien, daß er den König tott zur Erde habe fallen sehen. Die Ungewißheit, in welcher man sich über sein Schicksal befand, war Ursache, daß man ihn gerettet glaubte. Es ist wahr, daß derjenige, welcher nachher zu Venedig sich für den König Sebastian ausgab, demselben vollkommen glich, und von mehreren Portugiesen als solcher erkannt wurde, welchen er verschiedene geheime Nachrichten zum Wahrzeichen mittheilte. Er wurde den Spaniern ausgeliefert, und man hörte nicht mehr von diesem wahren oder falschen Sebastian. Das vorgeblliche Bonmot des Lord Tirawley's ist wie die meisten Bonmots mehr durch das Falsche als Bößartige merkwürdig. Der Mensch liebt überhaupt die Satire, und lacht gerne, wenn es nicht auf seine eigene Kosten geht.”. (Leipzig: pp. 301-302).

Este comentário do português anônimo minimiza o significado psicossocial do mito sebastianista no Portugal da época, a sua importância como definição da índole e da identidade lusitanas, enfatizando simultaneamente o seu caráter anacrônico e

ridículo. Qualificada de “*chimère*” pelo comentador anónimo (note-se que a omissão, na versão alemã, desta palavra, tende a atenuar a dimensão lendária, mística da crença), a esperança no regresso do rei é “historicizada”, inscrita no contexto histórico do domínio filipino, com o objectivo de descredibilizar e de retirar actualidade à *boutade* de Lord Tirawley, considerada mais falsa do que maldosa.

Dumouriez transcreve esta crítica, todavia com o intuito de demonstrar que a famosa tirada do embaixador inglês tinha o seu fundo de razão, como ele próprio, aquando da sua estadia em Portugal, havia constatado:

«Je ne prétends deffendre ni le bon mot de Lord Tirawley, ni la fable de D. Sébastien, je n'accuse pas non plus de cette crédulité absurde le grand nombre de Portuguais sensés et bien élevés: mais je vais citer les propres expressions de Don Antonio de Moraës da Sylva qui a traduit de l'anglais, et commenté l'Histoire du Portugal. Il avoue dans une note que de son tems, 1788, il existait encore des Sebastianistes. *Parmi beaucoup de faux Sebastianiens il s'est trouvé un homme sur lequel resté beaucoup d'incertitude, sçavoir s'il l'était, ou non. Mais quelque merveilleuse que soit son histoire, elle ne l'est pas autant que ce qui me reste à rapporter; c'est que même encore il existe en Portugal des personnes, d'ailleurs très judicieuses, qui croient que le Roy Don Sébastien est encore vivant, et qu'il doit remonter un jour sur le trône de Portugal, et il en est de si persuadés, qu'ils seraient capables de souffrir le martyre pour cette opinion. Cette secte porte le nom de Sebastianistas. Ils n'ont rien imprimé sur cette matière, mais ils ont beaucoup de mémoires et de notes que l'on conserve, dans lesquels ils font des efforts incroyables pour donner quelque poids à leur opinion. Il n'est pas étonnant qu'en 1766, vingt deux ans avant ce qu'écrivit D. Antonio de Moraes da Sylva, j'aie rencontré en Portugal un Sebastianiste que je ne nommerai pas.*» (État 2: pp. 225-226).

«Ich bin gar nicht gesonnen, weder dieses Bonmot noch die Mähre vom D. Sebastian zu vertheidigen, und beschuldige noch weniger alle Portugiesen dieser Leichtgläubigkeit: aber ich will doch die eigenen Ausdrücke von Don Antonio von Moraes da Sylva anführen, welcher die Geschichte von Portugall aus dem Englischen übersetzte, und commentirte. Er gesteht in einer Note, daß zu seiner Zeit, im J. 1788, es noch viele Sebastianisten in Portugall gab. „Unter vielen falschen Sebastianians fand sich ein Mann, von welchem man noch nicht gewiss weiß, ob er es war oder nicht. So wunderbar auch die Geschichte desselben seyn mag, so ist sie es doch bey weitem nicht so sehr als der Umstand, daß es noch in Portugall sehr vernünftige Menschen giebt, welche glauben, daß der König Don Sebastian noch lebe, und eines Tages den Thron von Portugall wieder besteigen werde. Es giebt deren, welche davon so fest überzeugt sind, daß sie das Martyrthum für ihre Meinung leiden würden. Diese Sekte hat den Namen Sebastianistas. Sie haben über diese Sache nichts drucken lassen, aber sie besitzen viele Denkschriften und Noten, welche sie aufbewahren, und in denen sie sich alle Mühe geben, ihrer Meinung ein Gewicht beyzulegen“. Kein Wunder ist es, daß ich im J. 1766, also zwey und zwanzig Jahre vor der Zeit als D. Antonio von Moraes da Sylva schrieb, einen Sebastianiten [sic.] in Portugall kennen lernte, welchen ich aber nicht nennen will.» (Dumouriez / Leipzig: pp. 302-303).

A força probatória do testemunho do erudito autor do *Dicionário da Língua Portuguesa* é intensificada com a experiência do próprio Dumouriez. O tradutor alemão,

denotando uma certa confusão entre a dimensão profética e a dimensão histórica do mito, introduz uma nota de rodapé aparentemente com o intuito de corroborar a opinião do oficial francês:

«Man findet mehrere Schriften zum Behufe dieses Volksgalubens, und zum Beweise, daß der König Sebastian zu Venedig der wahre Sebastian gewesen sey. Man hat sogar Prophezeihungen, wann Sebastian erscheinen werde. Dümouriez hat also nicht so ganz Unrecht, daß er ihn für den Messias dieser Sekte erklärt.» (Dumouriez / Leipzig, nota de rodapé na p. 303).

[Encontram-se muitos escritos que suportam esta crença do povo e que provam que o D. Sebastião de Veneza era o verdadeiro rei D. Sebastião. Correm mesmo profecias sobre quando D. Sebastião irá aparecer. Dumouriez não deixa portanto de ter razão quando o qualifica de Messias desta seita.]

As referências irônicas aos sebastianistas portugueses ecoariam ainda pela pena abalizada de Goethe em princípios do século XIX. Com efeito, deparam-se ressonâncias claras da célebre frase-*cliché* de Lord Tirawley numa “carta-resposta” enviada ao jovem Heinrich von Kleist (1808), que solicitara ao mestre de Weimar o seu parecer sobre um fragmento da tragédia *Penthesilea*, então recentemente vinda a lume na revista literária *Phöbus*. A difícil concretização cénica da guerra de Tróia, bem como de paixões e acções humanas levadas ao extremo foram as principais causas da rejeição da referida peça por Goethe. A representação de paixões exacerbadas, de acções ligadas aos sentimentos humanos mais irracionais não agradaram ao autor de *Werther*, na época particularmente adepto de uma concepção de arte mais moderada e humanizada, como era apanágio do Classicismo weimariano. Desculpando-se pela frontalidade com que manifesta a sua opinião sobre *Penthesilea*, Goethe dirige-se a Kleist nos seguintes termos:

«Auch erlauben Sie mir zu sagen (denn wenn nicht aufrichtig sein sollte, so wäre es besser, man schwiege gar), daß es mich immer betrübt und bekümmert, wenn ich junge Männer von Geist und Talent sehe, die auf ein Theater warten, welches da kommen soll. Ein Jude der auf den Messias, ein Christ der aufs neue Jerusalem, und ein Portugiese der auf den Don Sebastian wartet, machen mir kein größeres Missbehagen. Vor jedem Brettergerüste möchte ich dem wahrhaft theatralischen Genie sagen: *hic Rhodus, hic salta!* Auf jedem Jahrmarkt getraue ich mir, auf Bohlen über Fässer geschichtet, mit Calderons Stücken, *mutatis mutandis*, der gebildeten und ungebildeten Masse das höchste Vergnügen zu machen.» (Goethe: p. 64).

[Permitam-me também que vos diga (pois quando não se é sincero, é melhor ficar calado) que sempre me afligiu e preocupou ver jovens de inteligência e de talento à espera de um teatro que eventualmente venha a surgir. Um judeu que espera pelo Messias, um cristão que espera por uma nova Jerusalém ou um português que espera pelo D. Sebastião não me provocam maior mal-estar. Perante qualquer estrado de madeira gostaria de dizer ao verdadeiro génio teatral: *hic Rhodus, hic salta! Mutatis mutandis*, atrevo-me, sobre tábuas empilhadas em barris, a deleitar a multidão culta e inculta, em qualquer feira, com as peças de Calderón.]

Dialogando intertextualmente com a irónica observação de Lord Tirawley sobre os portugueses, Goethe apela ao sentido pragmático do dramaturgo, que deve ter sempre em consideração a representabilidade e a adequabilidade das suas peças às condições teatrais existentes. Goethe rejeitava assim a concepção teatral da peça de Kleist, fundamentalmente devido ao seu desajustamento em relação às condições de teatro dominantes daquela época, comparando a falta de pragmatismo do jovem dramaturgo às atitudes, pouco produtivas e irrealistas, do judeu, que continuava à espera do Messias, do cristão, que continuava à espera da nova Jerusalém e do português, que continuava à espera de D. Sebastião. Como digníssimo herdeiro dos ideais iluministas, o famoso poeta alemão alude de forma disfórica à dimensão profética do mito, interpretando igualmente a crença messiânica no regresso de D. Sebastião como o indício de uma mentalidade supersticiosa, arcaica, retrógrada e obscurantista, uma mentalidade totalmente refractária, portanto, à progressista mundivisão da *Aufklärung*.

Obras citadas

- ANDRADE, Theophilo de
 1972, «Camões, Sebastianista "Avant Lettre"», in *Diário de Notícias* (Suplemento Brasil-Portugal), Rio de Janeiro / Lisboa, 19-7-72, p. 4 (o artigo foi igualmente publicado no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Julho, Set., Out., Dez., 1972, série 90: 7-9 / 10-12, pp. 135-138).
- BARETTI, Joseph
 1772, *Reisen von London nach Genua durch England; Portugal, Spanien und Frankreich*. Aus dem Englischen. In zwey Theilen, Leipzig, bey Caspar Fritsch.
- BRANCO, Manuel Bernardes
 1879, *Portugal e os Estrangeiros*, 4 vols., Lisboa, Livraria de A. M. Pereira – Editor (vols. I e II) / Lisboa, Imprensa Nacional (vols. III e IV), 1879-1895, vol. I.
- BREIDERT, Wolfgang (Hrsg.)
 1994, *Die Erschütterung der vollkommenen Welt. Die Wirkung des Erdbebens von Lissabon im Spiegel europäischer Zeitgenossen*, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft.
- BRANDÃO, Tomás Pinto
 1730, *Declarados Encubertos*, Lisboa, Off. da Música.
- (BRUNO), José Pereira Sampaio
 1983 (1.ª ed., 1904), *O Encoberto*, Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão – Editores.
- [CARRÈRE, Joseph-Barthélemy-François]
 1799, *Neuestes Gemälde von Lissabon*. Nachtrag zur Berichtigung einzelner Ansichten in dem Gemälde von Lissabon und einzelne Fragmente eines Augenzeugen zur Kenntniß dieser Hauptstadt hinzugefügt von W.[ilhelm] G.[ottlieb] von TILESIIUS, Leipzig, bei Karl Wilhelm Küchler.
- CHAVES, Castelo Branco
 1981, «Prefácio», in RUDERS, Carl Israel, *Viagem em Portugal 1798-1802*, tradução de António Feijó, prefácio e notas de Castelo Branco Chaves, Lisboa, Biblioteca Nacional (Série "Portugal e os Estrangeiros"), pp. 7-24.
- DALRYMPLE, Wilhelm
 1778, *Reisen durch Spanien und Portugall im Jahr 1774 nebst einer kurzen Nachricht von der spanischen Unternehmung auf Algiers im Jahr 1775*. Aus dem Englischen übersetzt nebst einigen Anmerkungen und Zusätzen, Leipzig, bey Siegfried Lebrecht Crusius.
- Deutsches Biographisches Archiv. Eine Kumulation aus 254 der wichtigsten biographischen Nachschlagewerke für den deutschen Bereich bis zum Ausgang des 19. Jahrhunderts*: 1982-. Hrsg. von Bernhard FABIAN. Bearb. unter Leitung von Willi GORZNY, Mikrofiche Edition, München [u.a.], K. G. Saur.
- [DUMOURIEZ, Charles François]
 1775, *État présent du Royaume de Portugal en l'année de MDCCCLXVI*, A Lausanne, Chez François Grasset & Comp.
- [DUMOURIEZ, Charles François]
 1776, *Die wirkliche Verfassung des Königreichs Portugall im Jahr tausend siebenhundert sechs und sechzig*. Aus dem Französischen, Bern, bey der topographischen Gesellschaft.

- DUMOURIEZ, Charles François
1794, *Mémoires du Général Dumouriez*, Hambourg, [s.n.].
- DUMOURIEZ, Charles François
1795, *Das Leben des Generals Dümouriez. Vom ihm selbst*, Hamburg, bei Benjamin Gottlob Hoffmann.
- DUMOURIEZ, Charles François
1797a, *État présent du Royaume de Portugal*, Hambourg, Chez P. Chateauneuf.
- DUMOURIEZ, Charles François
1797b, *Historisch-Statistisches Gemälde von Portugall*. Aus dem Französisch übersetzt, und mit einigen Zusätzen begleitet von Bernhard Reith, Leipzig, bey Jakobäer.
- 166
- EHRHARDT, Marion
1980, «As Primeiras Notícias Alemãs acerca da Cultura Portuguesa / Erste deutsche Nachrichten über die portugiesische Kultur», in DELILLE, Karl Heinz (ed.), *Portugal-Alemanha. Estudos sobre a Recepção da Cultura e da Língua Portuguesa na Alemanha / Portugal-Deutschland. Beiträge zur Aufnahme der portugiesischen Kultur und Sprache in Deutschland*, Coimbra, Livraria Almedina, pp. 7-65.
- FIELDING, Heinrich
1764, *Reise nach Lissabon*. Aus dem Englischen übersetzt. Nebst einer Nachricht von den Lebensumständen dieses berühmten Schriftstellers, Altona, bey David Jversen, Königl. privil. Buchhändler in Holstein.
- GOETHE, Johann Wolfgang von
[1965], «870. An Heinrich von Kleist», in *Goethes Briefe*. Bd. III: *Briefe der Jahre 1805-1821*, Hamburg, Christian Weoner Verlag, p. 64.
- GÜNTER, Horst
1993, «Das Erdbeben von Lissabon», *Aussätze zur portugiesischen Kulturgeschichte*. Hrsg. von BRIESEMEISTER, D., FLASCHE, H., KÖRNER, K.-H., Münster, Aschendorff Verlag, 20. Bd., (1988-1992), pp. 191-200.
- [JUNK, Johann Andreas von]
1778, *Portugiesische Grammatik. Nebst einigen Nachrichten von der portugiesischen Litteratur und von Büchern, die über Portugall geschrieben sind*, Frankfurt an der Oder, bei Carl Gottlieb Strauß.
- [JUNK, Johann Andreas von]
1779, *Einige Nachrichten von der portugiesischen Litteratur und von Büchern, die über Portugall geschrieben sind*, Frankfurt an der Oder, bei Carl Gottlieb Strauß.
- MARQUES, A. H. de Oliveira
1984, *História de Portugal*, Lisboa, Pala Editores, 2 vols.
- MARQUES, A. H. de Oliveira
1993, «Graf zu Schaumburg-Lippe und sein Einfluß auf die portugiesische Freimaurei», in BRIESEMEISTER, D. / FLASCHE, H. / KÖRNER, K.-H. (Hrsg.), *Aussätze zur portugiesischen Kulturgeschichte*, Münster, Aschendorff Verlag, 20. Bd., (1988-1992), pp. 177-179.
- MAXWELL, Kenneth
1994, «O Estado e o Indivíduo no Portugal Setecentista: a Herança Pombalina», in BRETTEL, Caroline B. et al., *Portugal: O Indivíduo e o Estado* (International Conference

Group on Portugal, 1993), trad. port. de Catarina Salgueiro, Lisboa, Fragmentos (Colecção Estudos), pp. 35-67.

MURPHY, James

1796, *Reisen in Portugal in den Jahren 1789 und 1790*, Aus dem Englischen übersetzt von Matthias C. Sprengel, Halle, in der Rengerschen Buchhandlung.

OPITZ, Alfred

1991, «Nachdenken über Sebastian. Funktion und Rezeption eines nationalen Mythos», in LINK, J. / WÜLFING, W. (Hrsg.), *Nationale Mythen und Symbole in der zweiten Hälfte des 19. Jahrhunderts. Strukturen und Funktionen von Konzepten nationaler Identität*, Stuttgart, Klett-Cotta, pp. 106-119.

RAMALHEIRA, Ana Maria Pinhão

2002, *Alcácer Quibir e D. Sebastião na Alemanha. Representações Historiográficas e Literárias (1578-ca. 1800)*, Coimbra, Edição de MinervaCoimbra / Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos / Universidade de Aveiro + CD-Rom com 49 Apêndices Documentais.

RUDERS, Carl Israel

1981, *Viagem em Portugal 1798-1802*, tradução de António Feijó, prefácio e notas de Castelo Branco Chaves, Lisboa, Biblioteca Nacional (Série “Portugal e os Estrangeiros”).

[STEPHENS, Philadelphia]

1782, *Briefe über Portugal, nebst einem Anhang über Brasilien*. Aus dem Französischen. Mit Anmerkungen herausgegeben von Matthias Christian Sprengel, Leipzig, in der Weygandschen Buchhandlung.

TWISS, Richard

1776, *Reisen durch Portugal und Spanien im Jahr 1772 und 1773*. Aus dem Engl. übers., mit Anm. von C[hristoph] D[aniel] Ebeling, Leipzig, Weygang.

WEINRICH, Harald

1971, «Literaturgeschichte eines Weltereignisses: Das Erdbeben von Lissabon», in H. W., *Literatur für Leser*, Stuttgart, Verlag W. Wohlhammer, pp. 64-76.

WELSCHINGER, Henri

s/d[1885-1902], «Charles François Dumouriez», in *La Grande Encyclopédie. Inventaire Raisonné des Sciences, des Lettres et des Arts*. Par une Société de Savants et de Gens de Lettres sous la dir. de MM. Berthelot *et al.* Paris: H. Lamirault: [puis] Société anonyme de «La Grande Encyclopédie», 31 tomes. Tome quinzième (Duel.-Eoetvoes.), pp. 54-56.